



VIVER NÃO DÓI
Carlos Drummond
de Andrade

Viver não dói
Definitivo,
como tudo o
que é simples.
Nossa dor não advém
das coisas vividas,
mas das coisas
que foram sonhadas
e não se cumpriram.
A cada dia que vivo,
mais me convenço
de que o desperdício
da vida
está no amor
que não damos,
nas forças que
não usamos,
na prudência egoísta
que nada arrisca,
e que, esquivando-se
do sofrimento,
perdemos também
a felicidade.
A dor é inevitável.
O sofrimento é
opcional.

Identidade

➡ A escola lassalista é uma comunidade que acredita nas pessoas, no potencial que elas têm e acredita em Deus. Pela fé religiosa cristã ela propõe e alimenta o sentido da vida e a missão de cooperar na construção de um mundo novo, fundamentado em Jesus Cristo. Neste sentido a pedagogia lassalista baseia-se na fé e alimenta a fé.

➡ Fé em Deus: Ele quer a salvação de todos os homens e mulheres.

➡ Fé na própria pessoa, como filho(a) de Deus, vocacionado(a) à felicidade e dotado(a), por Deus, de potencialidades para construir a felicidade para si e para os outros.

➡ Fé no processo educativo lassalista, na interação entre as pessoas, na base do amor e da cooperação, que fornece os meios para as pessoas se construírem e construïrem uma sociedade justa, fraterna e solidária.

➡ Em coerência com esta opção de fé o Mestre primeiro e principal, na educação lassalista, é Jesus Cristo. Os alunos são os “discípulos”. Os educadores são os “ministros”, “embaixadores”, “representantes” de Jesus. Ser educador é, na visão de fé, uma vocação e um ministério como o de Jesus Cristo.

➡ Nesta visão na qual Jesus é centro e referência, a escola lassalista é uma Comunidade Educativa cristã, parcela da Igreja que procura viver o Mandamento Maior: amar a Deus sobre todas as coisas e ao Próximo como Jesus nos ama. Tudo o mais é feito em conformidade com este mandamento maior.

PROPOSTA EDUCATIVA LASSALISTA



Os educadores têm a obrigação de ganhar o coração de seus alunos como um dos principais meios para incentivá-los a viver cristãmente!

Meditação 115,3 de São João Batista de La Salle

FORMAÇÃO PARA A SOLIDARIEDADE

Ir. Ignácio Lúcio Weschenfelder, São Paulo/SP
Provincial

O objetivo geral da Província Lassalista de São Paulo, para o triênio 2003-2005, propõe-nos a “formação de cristãos e cidadãos competentes e solidários”. Para valorizar essa proposta e recordar a necessidade de formação que a viabilize, destacamos, neste editorial, o sentido de “cristãos e cidadãos solidários”.

Verdadeiramente solidária se torna a pessoa que tiver formação específica para a aquisição de tal qualidade. Se a semente da solidariedade não for plantada no berço, a pessoa terá muita dificuldade para se tornar altruísta. Portanto, é necessário que os pais exerçam ação educativa intencional para que a criança supere, naturalmente, a fase do egocentrismo. Essa ação educativa despertará na criança o nobre sentimento da abertura ao outro, o sentido da alteridade e a capacidade de partilhar com o outro um chocolate, uma merenda, um brinquedo..., qualquer bem que se preste para a partilha. E não apenas bens materiais. É necessário, também, educar para partilhar sentimentos, afetos e para o perdão.

Em sua atividade avaliativa os educadores de nossos centros escolares estarão atentos ao grau de capacidade que têm seus alunos para gestos de doação, isto é, de solidariedade. Tais gestos serão tanto mais excelentes e significativos em solidariedade quanto mais a partilha beneficia os pobres e sem interesse de receber retribuição. A propósito disso S. J. B. de La Salle afirma, na Meditação nº 86, 2: “Somente os pobres nos procuram. Estes nada têm para dar-nos, a não ser seus corações, dispostos a receber nossos ensinamentos”. A recompensa da pessoa solidária é ver o outro menos carente e mais feliz, pois a

solidariedade nada cobra. A única dívida que ela deve produzir é que a pessoa beneficiada também se torne mais solidária.

A solidariedade é também um conteúdo a ser ensinado, pesquisado e trabalhado. Ela estabelece vínculos recíprocos entre as pessoas. Numa instituição lassalista, a solidariedade se inspira no Evangelho, isto é, nos exemplos de Jesus Cristo, o Bom Pastor. Nossos alunos devem aprender um mínimo de teoria sobre solidariedade cristã, acompanhada de exortação que impulse para a prática. A motivação evangélica acrescenta mais consistência à solidariedade e garante maior expectativa de continuidade, numa dimensão prospectiva.

Vai um alerta: Podemos enganar-nos, considerando todos os atos de distribuição de bens como gestos de lídima solidariedade. Não os podemos classificar assim, quando realizados com o objetivo de grangear prestígio pessoal, quando motivados por pura vaidade ou com a expectativa de obter retribuição. Nosso civismo deveria sentir-se humilhado ao ver tantos políticos, eleitos pelo povo, a negociar projetos sociais e econômicos em troca de favores e lucros. O famoso “toma lá, dá cá”, prática desavergonhada de numerosos Deputados, Senadores e Vereadores, deveria causar rubor em todo patriota e eleitor deste país. Um político que vota a favor de projetos com o objetivo de obter benesses, deveria ser considerado inapto para o exercício de seu mandato. Cabe aos educadores preparar uma nova geração de políticos, motivados profundamente pela solidariedade.

Atos de doação produzem normalmente, no doador, a imagem de ser gente boa. No mundo de hoje, cria sempre mais sentido e importância mostrar bom coração. Isso já é ótimo. Vemos tanta gente famosa e rica a

criar suas ONGs, com o objetivo de beneficiar crianças carentes. É um fenômeno positivo em nossos tempos. Quando é fruto de sentimentos humanitários e de desprendimento, podemos afirmar que ali se encontra a solidariedade.

Para motivar a reflexão dos educadores sobre a solidariedade, transcrevo alguns versos do poema “Dar e Receber – Doar e Acolher”, publicado no editorial do jornal “La Salle Solidário”, Ano 1 – nº 2:

*Doar é multiplicar riqueza,
acolher é estreitar laços afetivos.
Torna-se mais rico quem doa;
torna-se menos pobre
quem recebe.
Assim, na reciprocidade
se exerce a solidariedade.*

*Doar sem se tornar credor,
receber sem se tornar devedor,
é graça de Jubileu.
Doar sem vaidade,
receber sem cobiça,
é graça de santidade.*

*Há quem doa dinheiro,
sem retribuição;
há quem doa afeto,
sem ser correspondido,
e assim mesmo continua a doar;
e assim mesmo continua a amar,
compreendendo que
o gesto de doar
é expressão de gratuidade.*

*Em gesto solidário supremo
de quem nos amou ao extremo,
Deus infinitamente solidário,
fez ao mundo doação
de seu Filho Unigênito,
em humana encarnação.
Este gesto de amor eterno
inspirou e moveu La Salle
a cumprir o projeto fraterno
de a todos educar, sem exclusão.*

REFLEXÃO SOBRE UM PROGRAMA DE VOLUNTARIADO

Sônia Mardelei Rodrigues Charpentier (org.), São Paulo/SP
Comissão de Assistência Social

Os objetivos da organização com o programa de voluntariado, pode ser visto como um valioso investimento que se alinhe de maneira estratégica com a atividade principal da instituição e contribua para a sua razão de ser.

Nesse sentido, a construção de um programa de voluntariado passa necessariamente por uma reflexão, por parte da entidade, quanto à sua **missão, visão, valores**, prioridades institucionais e sua conduta no campo da responsabilidade social. Da mesma forma, requer a definição clara dos propósitos da entidade com um programa de voluntariado e a análise das possíveis interfaces do programa com as prioridades institucionais.

Missão: é o enunciado que traz a razão de ser da organização, espelhando aquilo que ela faz ou tenta realmente realizar.

Visão: objetivo claro e abrangente que fornece uma idéia nítida do que a organização vislumbra ser ou alcançar no futuro.

Valores: conjunto de crenças sob as quais uma organização opera.

Se uma organização quer ser conhecida por seu compromisso com o crescimento do país, um programa de voluntariado tende a ser uma excelente maneira de transformar essa prioridade institucional em realidade. Outras prioridades institucionais que um programa de voluntariado pode ajudar a atingir são, por exemplo, a integração e o desenvolvimento dos funcionários ou a aproximação com a comunidade.

Ao fazer um mergulho em sua cultura interna, a organização descobrirá se existe sintonia entre a proposta de incentivar os funcionários a realizar ações sociais voluntariamente e o comportamento geral da instituição. Nesse sentido, a política de bom exemplo que deve vir de cima pesa muito. Em qualquer instituição a forma como a alta gestão vê o seu negócio e se posiciona tende a espalhar-se por toda a organização. E qualquer que seja a sistemática de ação social adotada, incluindo o incentivo ao voluntariado, não deve ter caráter compensatório.

Uma Associação que polui o meio ambiente vive às voltas com problemas trabalhistas, comete arbitrariedades e possui um clima organizacional tenso não oferece condições para um programa de voluntariado prosperar. No extremo oposto, todavia, há entidades onde a prática da responsabilidade social é tão presente que o compromisso com a comunidade acaba explicitado em sua missão institucional, constituindo uma base sólida para o deslanche do programa.

Numa associação, os sócios e diretores precisam estar diretamente envolvidos. A sensibilização das autoridades merece um tratamento especial, com base numa demonstração fundamentada das vantagens do programa para a entidade, os funcionários e a comunidade.

A participação de representantes da direção da associação é importante tanto para ajudar a pensar estrategicamente o programa, quanto para que eles se apropriem da iniciativa e adotem as medidas necessárias. Isso vai ajudar na conquista de aliados cujo apoio será vital quando o programa estiver em pleno funcionamento, contribuindo para a manutenção do entusiasmo dos participantes.

Existem vários meios de estimular um processo de reflexão em núcleos de voluntários e a intenção aqui é transformar esse momento num verdadeiro processo de formação. É possível aproveitar os canais de comunicação já existentes inserindo matérias e artigos no boletim interno, criando oportunidades de manifestação no mural ou mesmo introduzindo o tema nas reuniões de qualidade, produtividade e assistência social. Ou, ainda, provocar encontros por setor, convidar especialistas de fora da entidade para falar aos funcionários e voluntários, criar um banco de sugestões e de idéias.

Confira, a seguir algumas questões para iniciar esta reflexão:

- ➔ Qual a missão, os valores e a visão que norteiam a atuação de entidade?
- ➔ Quais são as ações de responsabilidade social que a entidade realiza? Como a ética permeia a sua relação com as pessoas envolvidas, meio ambiente e comunidade?
- ➔ A Entidade realiza atividades comunitárias ou apóia programas de ação

social na comunidade? Que ações são essas?

➔ Que Objetivos ou prioridades institucionais a entidade pretende alcançar implementando um programa de voluntariado junto a seus funcionários? Melhorar o atendimento? Construir imagem de entidade cidadã? Demonstrar suporte aos ideais abraçados pelos funcionários? Oferecer-lhes meios para o desenvolvimento pessoal e profissional? Aproximar-se da Comunidade? Melhorar a qualidade de vida da comunidade? Ganhar eficiência no uso do recurso destinado às doações? Contribuir para melhorar a distribuição de renda na região onde atua? Outros?

Tal processo de reflexão trará dúvidas, questionamentos, inquietações, cobranças, mas resultará em respostas, esclarecimentos, encaminhamentos e, acima de tudo, compromisso e oportunidades de crescimento para a entidade.

Nem todas as perguntas poderão ser imediatamente respondidas, nem todas as demandas serão de pronto atendidas. Algumas questões exigem prazo de maturação para ser equacionadas, outras podem ser consideradas ilegítimas ao longo do percurso.

Neste sentido, recomenda-se que o recurso de refletir sobre a prática da organização não se esgote em uma única rodada, mas seja instituído como algo permanente até porque as entidades são organismos vivos onde existe troca de pessoas, ingresso de novos colaboradores, mudanças de rota e de opinião.

Se a reflexão for conduzida com ética, transparência, coerência e carregar boas intenções de fato, só pode resultar num processo construtivo, num caminho de evolução para a organização, servindo como alicerce para a criação de um programa de voluntariado consistente e promissor.

REFERÊNCIAS

* DOHME, Vânia D'Angelo. Voluntariado - Equipes Produtivas - Como Liderar ou fazer parte de uma delas. Editora Mackenzie, 2001.

* Revista Filantropia, Edição 02, Ano 1, set/out de 2002, Editorial Zeppelini.



O Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, como instituto leigo, segue um estilo de vida evangélica consagrada à educação cristã.

Em sua origem, o modelo de referência deste instituto, fundado por São João Batista de La Salle, era a comunidade cristã primitiva, na forma em que é apresentada no livro dos Atos dos Apóstolos e também nas correntes leigas da Educação e da Evangelização dos primeiros séculos do Cristianismo.

No fim do século XVII (1680) não era fácil integrar numa comunidade como a "lassalista" os cânones já existentes na vida religiosa tradicional.

No início, o Instituto se concentrou na Comunidade dos Irmãos, excluindo outras formas possíveis de nele se pertencer. Apesar disto, o Fundador tentou, por três vezes, criar um seminário para a formação de Mestres cristãos que trabalhassem no campo educativo. Os Irmãos deviam viver em comunidade e isto os obrigava a trabalhar na cidade. Esta iniciativa vinha de encontro à solicitação de numerosos párocos que administravam escolas paroquiais. Os mestres cristãos formados por La Salle não mantinham, com a comunidade dos Irmãos, outros vínculos que não o da amizade e o da ajuda pedagógica em alguns momentos.

O fundador trabalhou, ainda que timidamente, na formação pedagógica dos sacerdotes que colaboravam com os Irmãos, nas escolas.

Apesar de empenhar-se a trabalhar com o mesmo espírito, Sacerdotes e Irmãos não viviam associados.

A doutrina espiritual pedagógica de La Salle foi pensada e escrita para os Irmãos, já que na escola Lassalista não interviam outras pessoas, além dos mesmos Irmãos, e eventualmente, os sacerdotes.

Podemos dizer que as principais obras pedagógicas Lassalistas são frutos do trabalho comum dos Irmãos com o fundador. Nas origens, se trabalhava "juntos e em associação", tanto na comunidade como na escola. Esta expressão "juntos e em associação" exprime o espírito e a prática das várias comunidades lassalistas.

Todavia, uma das obras mais significativas de La Salle, "Meditações para o Tempo de Retiro", foi publicada com o subtítulo:

"Para todos aqueles que se dedicam à educação da juventude e, particularmente, para os Irmãos das Escolas Cristãs nos dias de retiro que fazem durante as férias". Pode ser este um sinal da preocupação que São João Batista de La Salle tinha com a formação dos leigos cristãos que consagravam a sua vida à educação cristã? É difícil afirmá-lo. Contudo, a doutrina lassalista expressa, de qualquer modo, a síntese viva da Vocação do Irmão - e do Educador cristão - homem de fé, que se consagra, em comunidade, ao ministério da educação cristã,

Freqüentemente La Salle manifestava esta convicção, para ele fundamental, quando lia e explicava, como Professor Cristão e formador de Professores cristãos, a vida de algum santo.

No século XVIII, o Instituto se utilizava, parcialmente, da colaboração dos docentes leigos. Pela necessidade do tempo, requisitaram: lições especiais de esgrima, de dança, de natação... Era uma abertura ao trabalho educativo na escola lassalista que não chega a ser, contudo, uma comunhão na missão e na espiritualidade do Instituto.

Até meados do século XX, o Instituto buscava, nele mesmo, os recursos necessários: pessoas, inspirações espirituais e pedagógicas. De fato a escola lassalista se chamava e era reconhecida como a "Escola dos Irmãos".

Vários fatores levaram o Instituto a uma abertura para os educadores cristãos leigos. Em primeiro lugar, dois fatores de ordem doutrinária:

- em todos os Capítulos Gerais se reafirmou a condição laica do Instituto;
- esta afirmação foi feita, sempre em meio a pressões internas e externas para introduzir o sacerdócio ministerial;
- causou um grande interesse, no Instituto, o forte impulso dado pelo Vaticano II na promoção do leigo.

Em segundo lugar, dois fatores de ordem sociológica:

- as novas e variadas necessidades locais exigirem, do Instituto, respostas novas com a criação de obras adequadas;
- as obras existentes, tradicionalmente, se estendiam continuamente, sobretudo nos Países de Terceiro Mundo.

E como se realiza a integração dos Colaboradores Leigos coma Congregação Lassalista?

Podemos dizer, que nos últimos 30 anos o Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs começou a percorrer um itinerário novo no que se refere à integração dos leigos. Itinerário novo quanto ao seu significado e as conseqüências que virão, conseqüências fecundas e imprevisíveis.

Em 1966/67 o 39º Capítulo Geral, Capítulo de "renovação", desejado pelo Vaticano II, se abre aos leigos sob o ponto de vista da missão. Os leigos são cada ano mais numerosos nas Escolas Lassalistas e pouco a pouco vão ocupando postos, habitualmente reservados aos Irmãos: Catequese; Supervisão; Direção de Divisão, Economia... Um documento muito válido e que não perdeu o seu valor de atualidade: A Declaração do Irmão das Escolas Cristãs no Mundo Atual – deve ser lido, partilhado e aplicado partindo da nossa condição laical e com o objetivo preciso de promover os educadores cristãos.

Em 1976, o 40º Capítulo Geral foi mais explícito e audacioso: admitiu a possibilidade de se "associar", em diversas formas, os leigos à nossa ação apostólica, à nossa Comunidade e à nossa Espiritualidade; falou-se de "diversos graus de pertencer" (cf. Circular nº 403). A expressão "diversos graus de pertencer" entusiasma no início, mas rapidamente enfastia, porque as mentalidades não são suficientemente abertas e nem os ânimos sensibilizados. Contudo, o decênio 1976/1986 foi muito fecundo de experiências:

- abertura do Instituto aos leigos,
- interesse e aproximação dos leigos à Espiritualidade de São João Batista de La Salle,
- nascimento dos "grupos lassalistas", em geral de pequenos grupos e restritos a uma ou outra província do Instituto;
- solicitação concreta aos Institutos para reconhecimento dos diversos grupos como fazendo parte dele,
- experiência de consagração lassalista feminina;
- movimento "jovens lassalistas".

Reunidos em Roma para uma "reunião intercapitular" (1981), os Irmãos Provinciais assinalaram a urgência em "abrir-se aos leigos". Não porque o número de Irmãos estivesse diminuindo progressivamente e crescesse, paralelamente o número de escolas lassalistas e a população escolar, nem porque o Instituto tivesse necessidade de um reforço externo; mas porque:

• afirmando o seu caráter laical, o Instituto se sentia impelido a viver, nele próprio, os apelos do Vaticano II, na promoção do laicato,

• o Instituto descobria, com admiração e profunda alegria, que a espiritualidade de La Salle ultrapassava a sua própria família religiosa, e que está apto a animar numerosos educadores cristãos, que procuram fazer da própria vida um empenho evangélico e eclesial no mundo da cultura;

• o Instituto reconhece que a missão de educar não está exclusivamente nas mãos dos Irmãos, e nem em forma majoritária. Calcula-se que, hoje, cerca de 70% dos educadores que trabalham nas escolas lassalistas sejam leigos.

Graças a este processo de abertura e de integração, o 41º Capítulo Geral, realizado nos meses de abril e maio de 1987, pôde endereçar uma Mensagem à Família Lassalista. Falando de “Família Lassalista”, o 41º Capítulo Geral se refere “ao conjunto das pessoas que formam grupos e movimentos nascidos da experiência espiritual e pedagógica de São João Batista de La Salle; nestes grupos e movimentos, os Irmãos constituem-se como o “coração desta espiritualidade lassalista, assim como a “memória fiel” do espírito lassalista (Circular nº 422).

Qual é a nossa situação hoje? No estágio atual são vários e diferentes os grupos que constituem a “Família Lassalista”:

- Diretores leigos de obras lassalistas
- Educadores leigos que trabalham nas obras lassalistas
- Famílias que confiam seus filhos à educação lassalista
- Associações lassalistas compostas indistintamente por pais, professores, ex-alunos, amigos...
- Movimento juvenil lassalista
- Fraternidade “Signum Fidei”
- Pais e familiares dos Irmãos
- Afiliados e benfeitores
- Voluntários lassalistas
- União dos catequistas de Jesus Crucificado, de Maria Imaculada, Instituto secular
- Irmãs Lassalistas: três experiências até hoje
- Ordem Terceira Lassaliana: uma experiência nascente.

“Se tendes para com os alunos a **firmeza de pai** para tirá-los ou afastá-los do mal, deveis ter-lhes também a **ternura de mãe** para atraí-los e fazer-lhes todo o bem que depende de vós” (Meditação 101, 3).

A frase acima é de La Salle, padroeiro universal dos professores, assim declarado pelo Papa Pio XII, em 1950. Neste pequeno artigo vamos apresentar algumas considerações sobre a **firmeza** e a **ternura** na educação de crianças e jovens. Vamos observar como pensa a educação lassalista e como aplicar tais qualidades na prática educacional em nossos tempos.

No documento “Proposta Educativa da Província Lassalista de São Paulo”, à página 28, se afirma: “O educador lassalista cria e desenvolve em si uma atitude de alegre disponibilidade e doação para atender com **firmeza**, **ternura** e **competência** as necessidades intelectuais, comportamentais e espirituais de seus alunos”.

Mais à frente, o mesmo documento lembra:

“O Educador Lassalista cuida para ser simpático e procura tratar sempre seus alunos com profundo **equilíbrio entre ternura e firmeza**, de modo que a adesão deles a uma necessária disciplina para o ensino-aprendizagem e aos valores que lhes são propostos provenham da liberdade e do amor e não da dureza e das exigências que irritam e levam à rebeldia”.

Os textos deixam claro, e isto La Salle já dizia há mais de 320 anos atrás, que a educação exige do educador uma excelente preparação profissional, uma elevada competência no exercício de suas funções e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento do afeto e do amor. Como diz La Salle, a ternura é necessária para **atrair** os alunos, para **mover** os corações.

É fundamental que o professor crie em si e demonstre aos seus educandos que os ama, que gosta deles, que se sente bem em estar com eles. Educador que não gosta do que faz ou não gosta de crianças e jovens deve deixar a profissão o mais rápido possível ou, então, renovar-se profundamente. Do contrário, fará mal a si mesmo e aos educandos.

Morales (1998) fala do magistério como vocação e acentua:

Entrar sem vocação na área sagrada da educação, ainda quando se estivesse

juridicamente protegido por garantias profissionais, é uma tremenda responsabilidade. Será que aqui reside a causa da tristeza e desengano com que alguns exercem suas responsabilidades educativas? Somos felizes ou infelizes por aquilo que levamos dentro de nós (Ágatha Christie).

O mesmo autor realizou uma pesquisa para levantar “o que pensam os jovens de seus educadores” e, no referente ao acima, afirma:

Na pesquisa, um jovem se expressa assim: “Que não assumam a carreira de educador sem vocação, pois é o que os faz fracassar e também faz fracassar seus alunos” (p. 79).

É ainda Morales que insiste na importância da coerência entre o ser e o fazer e no como a ação educativa exercida com alma e vocação alimenta a vida e a missão. E isto é, novamente, visão segundo La Salle. Vale transcrever as palavras de Morales:

“Se o educador não for autêntico, se não crê no que faz e se o que faz todos os dias não robustece sua fé, então está perdido irremediavelmente, a menos que mude de atitude, e terminará por desertar de um universo espiritual no qual possivelmente nunca deveria ter entrado, por não ter verificado previamente o grau de verdade de sua opção.

Mas, se o educador tem fé em sua vocação educativa, se a alimenta, se adere a ela nos momentos de dificuldade, descobrirá em sua ação diária o milagroso manjar que lhe permitirá continuar em frente, porque entenderá e amará o que está fazendo, ainda que não perceba imediatamente seus frutos.

O verdadeiro educador tem o dom de tornar transparente o mundo dos educandos, ao ultrapassar com seu amor educativo a aparente barreira dos fatos – positivos ou negativos – e penetrar até o mundo das significações. Nunca poderá fazer isto apoiado somente em sua condição profissional, em seu saber ou sua experiência, porque se requerem garantias de outra ordem: testemunho e serviço” (p. 80-81).

A definição de limites e também de referenciais de valores e vida são expressões da firmeza e da ternura para com os educandos. Cuidar da vida porque se ama é essencial e firmeza e ternura são expressões do amor educativo.

REFERÊNCIAS:

MORALES, Alfredo *O desafio de ser educador. La Salle, Canoas, 1998.*

PROVINCIA. *Proposta Educativa da Província Lassalista de São Paulo. São Paulo, 2002.*



A SEGUNDA ETAPA

São Paulo, cidade gigante de um povo vitorioso, cidade forte de um povo trabalhador, cidade esta que recebe de braços abertos um grupo de pessoas; pessoas que tem no coração a missão de educar jovens e crianças pelas cidades desse imenso Brasil.

Quem são essas pessoas? São Leigos Lassalistas. Pessoas que buscam o saber, que se reúnem em São Paulo para estudar um pouco mais da vida de seu Fundador: São João Batista de La Salle, padroeiro dos Educadores, exemplo de uma doação total a serviço de Deus e aos pobres, que proporciona até hoje estímulos e esperança na construção de uma educação mais humana e cristã. Lassalistas, voltados à caridade de servir aos educandos, preparando-os para a vida de dignidade e compreendendo nos dons de Deus.

O objetivo deste encontro é preparar uma equipe de leigos que se alimentem dos dons de Deus para que embebecidos deste amor possam voltar as suas comunidades e repassar suas experiências de Leigos Lassalistas.

Palestras, vivências e muito carinho completaram a semana daqueles que, como andarilhos deixaram seus afazeres para confirmar sua vocação no amor à congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs. Na despedida, os irmãos frateros recebem a missão de propagar nas suas comunidades o que aprenderam nesta semana.

Viva Jesus em nossos corações! Para sempre!
E com doação para pregar o amor a todos irmãos.

Equipe de Secretaria da Segunda Etapa:

*Tércio Mendes de Sousa, André Garcia Ferreira,
Glória Lúcia da Silva Verzotto, Mônica Coleho Affonso
Soares, Cláudia Malheiros, Luciana Frezze Costa,
Fernanda Maurísio de Oliveira Benine, Maria Inez
Serrão Fábio, Isabel Cristina de Barros Spadim*

O Curso Provincial de Formação Lassalista foi instituído para contribuir efetivamente com a formação dos Educadores Lassalistas, sobretudo dos Colaboradores e Associados, nas áreas humana, religiosa, lassalista e educativa. Com uma caminhada de mais de dez anos, este curso contribuiu e continua contribuindo para a formação de Educadores conscientes de sua Missão Educativa, à luz do Evangelho de Jesus Cristo, ao estilo de São João Batista de La Salle. Situado no Plano Provincial de Formação Integrada, está organizado de maneira a unir teoria, conhecimento, experiência intensa de fraternidade e serviço, espiritualidade, partilha de vida, ideais, sonhos e aspirações.

**PLANO LASSALISTA
DE FORMAÇÃO INTEGRADA**

ECOS

**É preciso que
seus professores
se apliquem
particularmente
Na educar
os alunos no
Espírito do
Cristianismo.**

**Meditação 193,2
de São João Batista
de La Salle**

**O que quer que você
aprenda hoje,
aprenda de
todo o coração...**

**Educar é realizar
a mais bela
e complexa arte
da inteligência.**

**Educar é
acreditar na vida
e ter esperança
no futuro.**

**A maior alegria desta
vida consiste em
vivermos bem
o agora.**

CARDÁPIO DOS EDUCADORES

**Entrada: Amizade
Salada: Alegria
Prato principal: Fé
Bebida: Humildade
Tempero: Amor e Paz
Sobremesa:
Fraternidade**

**MISSÃO LASSALISTA
É TRABALHAR COM
ENTUSIASMO,
ESPERANÇA,
AMOR E ALEGRIA!**

**Irmão Arno Canísio Atz
Coordenador da
Comissão Família
Lassalista**

LA SALLE

Longe...
Muito longe, lá em Reims,
Nasce entre tantos meninos,
Em família de muitas posses,
Um menininho chamado João.

Alguém abençoado...
Menino de lar cristão,
João cresce no amor.
Conhece o respeito, a caridade,
o perdão, a solidariedade...
E das escrituras sagradas,
João absorve tudo o que é valor.

Sábio, silencioso e servil...
O jovem se doa de coração:
ajuda crianças, jovens carentes,
e tem muita convicção.
Ensina, constrói escolas,
prepara professores,
material e espiritualmente,
pois acredita em sua missão.

Ainda hoje...
Atento aos jovens
na fé, no estudo e nos esportes,
ensina aos cristãos vocacionados
agir com firmeza de pai e
perceber com doçura de mãe
e, em missão santa,
protege a vocação.

Lança seu olhos sobre nós
Cristãos educadores,
na verdade, engajados
e atentos aos nossos valores:
Não só a sabedoria...
a piedade, a humanidade...
Não só a firmeza...
a paciência, a constância...
Não só o zelo...
a gravidade, a generosidade...
Não só o silêncio...
a prudência, a vigilância...

Lembra-nos o maior valor
Aquele, que em nossa missão,
Transforma-nos a cada intenção,
Promove o espírito esportivo
De ser sempre criativo: a união.
Sem deixarmos de lembrar:
A ponderação, a mansidão
e a discrição.

Educação na Boa Nova e com fé,
servir paz, com novo sabor.
Formando o cidadão pleno:
humano, consciente e livre,
transformado pelo amor.

Longe...
Alguém abençoado
Sábio, silencioso e servil
Ainda hoje,
Lança seus olhos sobre nós e
Lembra-nos o maior valor:
Educação!!!

*Janaina Penaforte Veiga, Niterói/RJ
Participante do VII Curso de
Formação Lassalista*

7 – MODERAÇÃO:

Esta virtude poderia ser chamada *mesura*. Por ela o mestre consciente se auto-afirma para o controle de situações que lhe possam causar aborrecimentos e nervosismo. A moderação nos pensamentos

provoca o controle nas palavras e nos atos, motivo por que ele deverá aprender a pensar com calma, ou seja, a refletir e a julgar acertadamente antes de agir.

Esta mesma virtude lhe aponta o cuidado com a postura física, a manter o corpo numa atitude totalmente natural, sem afetação nem timidez. Seu olhar será tranqüilo e nunca severo em demasia. Tudo fará para que a própria maneira de se comportar se constitua num bom exemplo para os alunos.

Evitará tudo o que possa ser mal interpretado pelos alunos: as infantilidades, o tom de voz estilo “mandão”, as palavras pronunciadas com ironia, os gestos exagerados, transformar-se em palhaço, orgulhar-se de si mesmo, adotar modos depreciativos, um rosto sombrio ou a fronte enrugada; usar ridículas alterações de voz, pouco natural e artificial; fazer movimentos precipitados, encolher os ombros, bater em cima da mesa. Não deve movimentar muito a cabeça nem girá-la de um lado para outro ao pronunciar cada palavra. Não dê risadas ao falar e evite gesticulação exagerada.

Evitará toda amizade com os alunos, capaz de se constituir em deformação da afetividade, vigiando-se em tudo o que possa gerar sentimentos ou más interpretações de tais atos (e de acordo com diversas regiões, o próprio tocar no rosto ou acariciá-lo, brincar com eles ou receber seus abraços ou os beijos das meninas).

Terá sempre presente que, para ajudar os alunos a corrigir suas faltas, será muito mais eficaz a maneira como o castigo é imposto do que o próprio castigo. Será mais fácil conquistá-los com prudente moderação nas correções do que com severidade extrema.

Caso o mestre não se modere nas ações, gestos ou linguagem, só poderá conseguir dos alunos a falta de respeito e a desobediência. O mesmo acontece quando não são explicadas as razões dos castigos, ou ao castigar faltas duvidosas consideradas como certas; ou quando o mestre não guarda a calma por ocasião da falta cometida ou quando não dá oportunidade, sobretudo em se tratando de faltas le-

ves.

É importante considerar bem antes de aplicar os castigos que possam provocar desordens ou risada dos alunos: elas ofendem o decoro e poderão causar desagradáveis resultados.

8 – MANSIDÃO: Esta virtude inspira o mestre no amor e na firmeza. Quando os alunos descobrem o amor e a justiça no mestre, este adquire ascendência ou autoridade sobre eles e lhes inspira respeito e obediência.

O bom mestre:

- Fala pouco e, quando dá uma ordem, exige obediência.
- Ordena o cumprimento exato da ordem dada, quando é justa.
- Não ameaça, mas cumpre o anunciado, quando justo e merecido.
- Infunde e mantém nos alunos o respeito.
- Não se familiariza com os alunos; trata todos de maneira igual, sem predileções.

- Dá a devida importância ao que diz. A mansidão modera os impulsos de cólera, os arroubos, o olhar altaneiro e ameaçador, a impaciência, a indelicadeza, sufoca os desejos de vingança e ajuda a suportar os contratempos. “Agir na cólera é o mesmo que largar as velas em plena tempestade”. (Eurípides).

Peca contra a mansidão o mestre quando se apresenta perante os alunos de mau humor, com o rosto fechado, pouco expressivo ou abre a boca somente para recriminar os ouvintes com palavras preconceituosas, ofensivas, nocivas e agressivas.

O bom mestre trata os alunos com bondade, afeto e ternura de pai e, desta maneira, conquista a estima e o respeito deles. Assim o irão escutar e lhe obedecerão ao primeiro aviso dado.

Para conseguir isso:

- Volta sua preocupação para o desaparecimento rápido do mal-estar.
- Procura que o aluno reconheça a falta e não recaia nela.
- Trabalha com humor constante.
- Deixa expor as dificuldades e lhes responde com boas maneiras.
- Felicita pelos esforços e resultados obtidos.
- Ensina a boa educação e as regras da civilidade a que devem submeter-se: ser respeitosos, amáveis, atentos e serviçais com seus superiores, com os colegas e

quaisquer outras pessoas.

- Recorda que a preocupação, inclusive os incômodos resultantes do bem, da oposição ao mal, da manutenção da ordem e da disciplina, é virtude de valor.

9 – ZELO: Atualmente devemos entender o zelo como sendo a dedicação e a preocupação com a educação. Esta virtude incentiva o mestre a procurar com afincamento a glória de Deus. O amor do educador é do mesmo gênero do amor materno: real, sacrificado, permanente e esperançoso nos resultados.

“Quereis que vossos discípulos se afeiçoem ao bem? Praticai-o primeiro. Será mais fácil convencê-los com o exemplo do que com o emprego de todas as palavras possíveis de encontrar”. O bom mestre começa seu ensino com o bom exemplo, à maneira de Jesus: iniciou pela prática; a seguir empregou a palavra.

O zelo impele o mestre a preparar da melhor maneira as suas aulas, e as ministra com entusiasmo e as avalia com justiça e honestidade. Por intermédio desta virtude, entrega-se de maneira incondicional às atividades escolares e se preocupa por melhorá-las constantemente. Está convencido de que todas as pessoas do estabelecimento educam ou deseducam: auxiliares, pessoal da administração e professores.

Acompanha o desenvolvimento de cada aluno, na vida, na maneira de proceder e mesmo no castigo justo e proporcional, sem revolta ou ressentimentos.

Convida a todos para a prática diária da oração, da leitura espiritual, do exame de consciência e para a freqüência aos sacramentos.

Nunca esquecerá ser a disciplina umas das conseqüências do seu próprio bom exemplo e da ordem reinante na sala de aula, do cuidado com os seus movimentos e de sua pontualidade.

Manifesta um terno amor por todos os seus alunos. Conhece a maneira de conquistá-los pelo afeto e respeito. Em compensação, os alunos assistirão suas aulas com maior empenho, serão mais dóceis em escutar-lhe os ensinamentos e mais fiéis em colocá-los em prática.

Gravidade
Silêncio
Humildade
Prudência
Sabedoria
Paciência

Moderação
Mansidão
Zelo

Vigilância
Piedade
Generosidade

JUVENTUDE LASSALISTA**Anny Lutz, Niterói/RJ****Conselho Internacional de Jovens Lassalistas**

A Pastoral da Juventude Lassalista da Província de São Paulo foi organizada em 1983 para que os jovens pudessem vivenciar melhor e do seu "jeito" o carisma de São João Batista de La Salle e fizessem de suas vidas um elemento transformador da sociedade.

Atualmente existem grupos da PAJULA em nove comunidades de nossa Província: Niterói, São Carlos, Botucatu, Brasília, Águas Claras, Toledo, Curitiba, Pato Branco e no Postulado.

O objetivo principal desta Pastoral é incentivar de forma sistemática e organizada a promoção humana e cristã dos jovens e orientar a sua autêntica opção por Jesus Cristo, auxiliando-os na busca de sua vocação.

Para desenvolver atividades ao nível de província temos a Comissão da Pastoral da Juventude, que, no ano de 2004, é composta pelo Ir. Roque do Carmo Amorim Neto (São Paulo); os professores Maria Inês Deléo (Botucatu), Marco Antonio Duarte (Niterói) e Marli Terezinha Sauthier Ramos (Pato Branco); e uma ex-aluna, Anny Lutz (Niterói). Esta comissão se reúne duas vezes ao ano: março e setembro.

Cada grupo tem a liberdade de desenvolver suas próprias atividades, porém, existem algumas em comum, como: o Projeto Comum (projeto de voluntariado desenvolvido por todos os grupos ao mesmo tempo, com tema escolhido em cada Encontro Anual), a Missão Jovem e o Mês da Fé.

Anualmente, no mês de Setembro, realizamos o Encontro da PAJULA, em São Paulo. São três dias de profundo aprendizado, troca de experiências e vivência do que é realmente ser um Lassalista, visando um crescimento pessoal e do grupo segundo os ensinamentos de La Salle e de Jesus Cristo, principalmente.

Como a PAJULA, existem grupos de Jovens Lassalistas em quase todas as Províncias do Mundo. Então, com o objetivo de uni-los, de associá-los em um só "Movimento Juvenil de inspiração Lassalista", como propôs o Ir. Superior Geral por ocasião da Jornada Mundial da Juventude em Roma-2000, realizou-se um Encontro Internacional de Jovens Lassalistas em Quebec-2002. E assim, surgiu a JLI (Juventude Lassalista Internacional), a fim de permitir aos Jovens Lassalistas dar um passo a mais e viver melhor o carisma Lassalista.

Ainda no Encontro de Quebec, o Conselho Geral da Congregação anunciou a criação do Conselho Internacional de Jovens Lassalistas (CIJL), tendo seus membros a função de estudar as propostas surgidas no Colóquio, reforçar o trabalho que acontece com os Jovens Lassalistas nos 61 setores (sabendo o que está acontecendo, ajudando eles a acharem a melhor maneira de realizar uma determinada atividade e dando assistência onde eles precisarem), lançar e coordenar o Colóquio de 2005 e assistir ao desenvolvimento do Movimento Internacional Lassalista. Seu trabalho é realizado por meio da internet e de reuniões semestrais na Casa Generalícia, em Roma.

Enfim, é através destas estruturas que nós, Jovens Lassalistas, ousamos ser diferentes e trabalhamos cada vez mais pela construção da Civilização do Amor; e, se alguém de alguma Comunidade Educativa Lassalista se sentir chamado, não existe em procurar o Assessor do grupo de sua escola ou então, se não houver grupo, procure a Comunidade dos Irmãos ou Direção.

Venha fazer parte desta história você também!



A COMISSÃO FAMÍLIA LASSALISTA QUER DEIXAR REGISTRADAS A SUA HOMENAGEM E SUA GRATIDÃO AO IRMÃO BENNO BACKES. AO LONGO DE NOSSA CAMINHADA DE MAIS DE UMA DÉCADA, O IRMÃO BENNO ESTEVE SEMPRE PRESENTE: COMO RELIGIOSO, COMO IRMÃO, COMO AMIGO, COMO REVISOR DE TEXTOS, COMO PARTICIPANTE E PROFESSOR DO CURSO DE FORMAÇÃO, COMO MÚSICO... RESSUSCITADO EM CRISTO, DEIXA SAUDADES E INCENTIVA NOSSA CAMINHADA.

**Ir. Arno Canísio Atz - Ir. Cassiano Freze Costa
Marcos Luciano Corsatto - Marianna Di Mango Dias**

**FORMATIVO
FAMÍLIA
LASSALISTA**

Associação Brasileira de Educadores Lassalistas

Província Lassalista de São Paulo

Rua Santo Alexandre, 93
Vila Guilhermina
CEP 03542-100
São Paulo - SP
www.lasalle.org.br

**COMISSÃO FAMÍLIA
LASSALISTA:**

Ir. Arno Canísio Atz
Ir. Cassiano Freze Costa
Marcos Luciano Corsatto
Mariana Di Mango Dias

**JORNALISTA
RESPONSÁVEL:**

Marcos Luciano Corsatto
MTb 37617

REVISÃO:

Ir. Ludovico Celant

**SUPERVISÃO
E EXPEDIÇÃO:**

Ir. Ignácio Weschenfelder
Ir. Arno Canísio Atz

IMPRESSÃO:

Gráfica e Editora La Salle
Rua Dr. Paulo César, 222
Icaraí
CEP 24220-400
Niterói - RJ
Fone (21) 2620-7326
www.graficalasalle.com.br

E-MAIL:

dir@dolasalle.com.br

